



FASE DE TRANSFORMAÇÃO



Comunidade de
Aprendizagem

Princípios da Aprendizagem Dialógica na Sensibilização: a busca pela coerência entre discurso e prática

Bruna Elage

Resumo

O presente artigo trata dos desafios da formação em Comunidade de Aprendizagem dos profissionais que atuam na educação pública brasileira e a busca pela coerência entre discurso e prática no que se refere aos princípios da Aprendizagem Dialógica, base de todas as ações de Comunidade de Aprendizagem.

OBJETIVO:

Contribuir com a reflexão acerca da coerência entre discurso e prática nos processos formativos (sensibilização) em Comunidade de Aprendizagem.

Introdução

Comunidade de Aprendizagem é uma proposta criada pelo Centro Especial de Investigação em Práticas e Teorias Superadoras de Desigualdade (CREA) da Universidade de Barcelona que sugere uma transformação no contexto da escola por meio de processos de aprendizagens baseados na participação e na democracia. Uma escola como Comunidade de Aprendizagem passa por cinco fases de transformação, implementa Atuações Educativas de Êxito e tem todas as suas ações baseadas nos princípios da Aprendizagem Dialógica, conceito elaborado por Ramón Flecha a partir da teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas e da teoria da Ação Dialógica de Paulo Freire.

A primeira etapa da proposta é o que chamamos de Fase de Sensibilização, momento em que toda a equipe da escola participa de 16 horas de formação sobre Comunidade de Aprendizagem e os princípios da Aprendizagem Dialógica, que são a base de todas as ações propostas.

Diálogo Igualitário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferenças são os 7 princípios que estruturam a proposta de Comunidade de Aprendizagem.

1. Fase de Sensibilização, Tomada de Decisão, Fase dos Sonhos, Seleção de Prioridades e Planejamento.

2. Atuações Educativas de Êxito são práticas avaliadas e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstraram gerar os melhores resultados em qualquer contexto.

O Diálogo Igualitário acontece quando todas as pessoas têm o direito de falar e serem ouvidas, e o que prevalece são os argumentos e não a posição de poder ou hierarquia de quem fala.

A Inteligência Cultural é a experiência adquirida pelas interações dentro de cada cultura. Considera, além do saber acadêmico, a inteligência prática e comunicativa e reconhece que todas as pessoas têm capacidade de aprender e transferir seus conhecimentos.

A Transformação ocorre quando as pessoas se colocam em diálogo igualitário com a compreensão de que todos têm inteligência cultural, reconhecendo a capacidade que cada indivíduo possui de intervir no mundo.

A Dimensão Instrumental diz respeito ao conhecimento científico, fundamental no processo de transformação social.

A Criação de Sentido é a possibilidade de conectar saberes curriculares com as experiências de cada um; é dar sentido à vida e ao processo de aprendizagem a partir do reconhecimento das individualidades.

A Solidariedade é o elo que conecta os indivíduos movidos por interesses coletivos.

A Igualdade de Diferenças reconhece que cada indivíduo tem o direito de ser diferente, mas com igualdade de direitos.

Desenvolvimento do trabalho

Pensar o processo de formação dos educadores sobre Comunidade de Aprendizagem implica articular as bases teóricas e as trilhas do Projeto com a realidade de cada território e instituição e sobretudo criar oportunidades e estratégias para que cada um dos participantes — gestor(a)s, coordenador(a)s, professor(a)s e equipe de apoio das escolas — possa visitar e rever sua própria atuação, trocar experiências e reconhecer o valor e a importância do papel de cada um no processo educativo. Reconhecer as boas ações e os pontos fracos a partir da reflexão sobre a prática também é fundamental para que o processo de transformação possa acontecer: Isso porque a transformação na escola de que estamos falando não é algo burocrático nem mágico, para ela acontecer precisamos nos transformar internamente.

No trabalho de formação o discurso não dá conta da transformação de profissionais que foram alunos num modelo em que o professor é autoridade absoluta e detentor do saber; em que alunos não falam, apenas escutam, num sistema autoritário onde a escola é apenas lugar de transmissão de conteúdos e por isso a família e a comunidade não têm espaço. O professor que chega na sala de aula com esse repertório facilmente reproduz o mesmo jeito de fazer. Nesse contexto o gestor da escola reproduz a maneira centralizadora de fazer gestão e as famílias continuam assumindo um papel de submissão frente aos profissionais da escola. Como quebrar essa lógica?

Atingir a coerência entre discurso e prática é um dos grandes desafios, tanto no trabalho de formação quanto no trabalho educativo. Não adianta dizer que os professores precisam escutar os alunos se, durante os processos de formação, os formadores não escutam os professores. A tomada de consciência sobre o que se faz, como se faz e por que se faz é condição para a revisão das concepções de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, a formação deve se pautar nesses questionamentos, buscando coerência entre os princípios da Aprendizagem Dialógica durante todo o processo formativo dos profissionais em Comunidade de Aprendizagem.

Para Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de suas destrezas. O educador democrático precisa ser capaz de reforçar a capacidade crítica dos educandos estimulando sua curiosidade e insubmissão.

No Brasil é possível encontrar muitas experiências transformadoras que reconhecem o papel do educador democrático, o potencial dos alunos e a importância da participação das famílias e da comunidade. A proposta de Comunidade de Aprendizagem é um dos caminhos possíveis e tem inspirado muitas equipes que desejam mudar e enfrentar o desafio da transformação.

Sabemos que a escola hoje não se sustenta mais apenas como transmissora de conhecimento, e isso vale também para os processos de formação das equipes escolares. Faz parte do processo de construção da Sensibilização em Comunidade de Aprendizagem a reflexão crítica sobre a prática, a avaliação, a escuta dos participantes e o reconhecimento da distância entre discurso e prática, que corremos sempre o risco de reproduzir: Dizer que o professor precisa alinhar discurso e prática com base nos princípios da Aprendizagem Dialógica e não propor isso na prática pode denunciar a nossa própria incoerência. Dessa forma, os formadores de Comunidade de Aprendizagem do Instituto Natura no Brasil estão constantemente refletindo sobre sua prática e atentos para a construção de uma proposta de Sensibilização onde a vivência da coerência entre todos os princípios da Aprendizagem Dialógica se faça presente.

Propostas como organizar sempre o grupo em roda para as Sensibilizações, partir da realidade e experiência de cada grupo para apresentar a proposta, construir acordos de convivência coletivamente, vivenciar com os participantes algumas fases propostas pelo projeto e, acima de tudo, estar sempre atento aos princípios da aprendizagem dialógica em cada gesto, têm contribuído para enfrentar o desafio da coerência entre discurso e prática.

Para Paulo Freire, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”.

Conclusão

O espaço de Sensibilização tem uma potência enorme como possibilidade de reflexão e de formação dos profissionais da escola, onde todos são convidados a refletir sobre sua postura e sua maneira de agir para pensar o modo como a escola faz sua gestão, relaciona-se com as famílias, dialoga com a comunidade e trabalha com os alunos.

A mudança não é mágica e não acontece apenas com as 16 horas de Sensibilização, mas é o início de um processo de transformação. A vivência dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase de Sensibilização é um primeiro passo para que esses possam ser exercitados na prática cotidiana, e um dos caminhos possíveis é a implementação das Atuações Educativas de Êxito propostas pelo Projeto Comunidade de Aprendizagem.

“Pensar certo é fazer certo. Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que rediz em lugar de desdizê-lo.”

(Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia)



Comunidade de
Aprendizagem

Vivenciando os princípios da aprendizagem dialógica na fase dos sonhos

Fernanda Martins Silva Maués

Especialista em Gestão Educacional e Docência do Ensino Básico ao Superior pela Faculdade da Amazônia (FAMAZ), Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Resumo

O presente paper mostra a vivência dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase dos Sonhos. Adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e a vivência in loco nas escolas Jurutis e Melquiades localizadas no município de Benevides, Pará.

OBJETIVO

Mostrar os princípios da Aprendizagem Dialógica na vivência da Fase dos Sonhos.

Introdução

O presente paper procura mostrar os princípios da Aprendizagem Dialógica vivenciados na Fase dos Sonhos nas escolas Jurutis e Melquiades localizadas no município de Benevides, no Pará. Primeiramente conceitua-se com embasamento teórico a Aprendizagem Dialógica e seus princípios, e também a Fase dos Sonhos. Depois, aborda-se a experiência vivida dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase dos Sonhos. Por fim, dedica-se às conclusões, demonstrando o impacto desta ação na escola.

Desenvolvimento do trabalho

APRENDIZAGEM DIALÓGICA E SEUS PRINCÍPIOS

A teoria da Aprendizagem Dialógica ancora-se numa concepção comunicativa da educação, dessa forma se entende que a interação e a comunicação são fatores essenciais à aprendizagem. As pessoas, para aprender, segundo essa concepção, necessitam de situações de interação e de diálogo, e este último deve acontecer baseado numa relação de igualdade e não de poder.

A aprendizagem dialógica baseia-se em 7 princípios::

Diálogo Igualitário – este princípio mostra a importância de se estabelecerem diálogos respeitosos, em que todos possam expor suas ideias. Os critérios para eleger o caminho que se deve seguir são os argumentos. Nesse modelo de interação comunicativa, todos os atores — independentemente do nível social econômico, gênero, cultura, nível acadêmico e idade — são ouvidos, e seus anseios e suas contribuições são levados em conta dentro dos processos de tomada de decisão.

Inteligência Cultural – esse princípio trata dos diversos conhecimentos — acadêmico, prático e comunicativo — que se adquire ao longo da vida, sendo que todos, sem distinção ou preconceito, devem ser valorizados. Ignorar o conhecimento prático e comunicativo é negar as inúmeras aprendizagens que acontecem nas interações com as pessoas no decorrer da trajetória humana e que também contribuem de forma positiva para a formação acadêmica e social dos alunos e alunas.

Transformação – esse princípio aborda as relações de interação transformadoras que podem e devem ser fomentadas e oferecidas nos centros educativos. Essas relações têm um impacto tão forte que geram transformações individuais e coletivas muito potentes, o que resulta na

mudança de hábitos e comportamentos em busca de soluções frente aos obstáculos.

Dimensão Instrumental – esse princípio aborda a importância de se trabalharem os conteúdos formais (currículo) para garantir a melhoria dos resultados de aprendizagem das meninas e dos meninos. O modelo atual de sociedade exige pessoas com habilidades e competências múltiplas, e dessa forma trabalhar a Dimensão Instrumental é indispensável e necessário para o alcance dessa nova exigência.

Criação de Sentido – de acordo com a concepção Aprendizagem Dialógica, a prática de todos os princípios anteriormente citados vão dando sentido à escola atual, sentido esse perdido através das mudanças que ocorreram na sociedade. Esse novo modelo (sociedade da informação) requer novas relações de interação e de diálogo, proporcionando assim a todos os envolvidos um sentimento de pertencimento dentro do processo de construção de uma escola melhor:

Solidariedade – essas novas interações vão promovendo situações solidárias entre os envolvidos, e todos se veem com o mesmo objetivo: o de construir uma escola melhor. Para isso, percebem que contribuir dentro do processo é o ponto-chave para alcançar os sonhos de toda a comunidade escolar

Igualdade de Diferenças – esse princípio trabalha com a ideia de que não é a homogeneização que se deve buscar e sim que todos sejam tratados de forma igualitária dentro das suas diferenças. Nesse sentido, Flecha (2010) destaca que “o reconhecimento da diferença por si só não produz mais igualdade”, e é necessário que as escolhas, opções, credos e opiniões sejam respeitados.

FASE DOS SONHOS

Para se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, a escola precisa passar por um processo de transformação que é composto pelas seguintes fases:

Sensibilização – Essa fase tem como finalidade apresentar a todas as pessoas interessadas as bases científicas em que estão embasadas as Comunidades de Aprendizagem e as Atuações Educativas de Êxito.

Tomada de Decisão – É a fase em que toda a comunidade educativa decide se quer ou não transformar o centro educativo numa Comunidade de Aprendizagem.

Sonho – É a etapa mais emocionante, e isso porque o projeto leva em conta todas as vozes da comunidade escolar, que nasce do sonho das pessoas em relação à escola que todo mundo quer. Dessa forma, todos os envolvidos são convidados a sonhar o centro educativo que desejam.

Seleção de Prioridades – Nessa etapa, selecionam-se as prioridades em função do contexto de cada unidade educativa, e é preciso avaliar quais sonhos são os mais urgentes e quais podem esperar.

Planejamento – Nessa fase é elaborado junto à comunidade o Plano de Transformação da Escola. É quando todos os envolvidos dialogam por onde irão iniciar e quais serão os próximos passos.

Destacarei aqui a Fase dos Sonhos, objeto este de meu trabalho e que, dentre as fases apresentadas anteriormente, é o momento quando, de maneira real, inicia-se o processo de transformação da escola.

Nessa fase cada escola define de maneira muito particular como ela acontecerá, o ar ganha um clima mobilizador e o desejo de transformação da escola ganha força.

É importante que todos os atores da comunidade escolar — estudantes, funcionários, professores, gestores e familiares — participem desse momento sonhando juntos a escola que querem.

Nesse momento o lema é sonhar sem limites, e sendo assim surgem os mais variados sonhos, como:

Sonhos de alunos: “Desejo peixinhos no laguinho”; “Sonho ter aulas de inglês”; “Gostaria que tivessem policiais na escola”; “Gostaria que

o aniversário do meu pai fosse aqui na escola”; “Queria que a escola tivesse o meu nome”; “Gostaria de ter aula de futebol”.

Sonhos de familiares: “Desejo que os professores sejam mais atenciosos”; “Sonho com mais atividades lúdicas que envolvessem as famílias”; “Gostaria que a escola tivesse enfermagem”.

Sonhos de funcionários: “Desejo salas climatizadas”; “Desejo salas de leitura”; “Sonho que essa escola seja um espaço onde todos se sintam acolhidos”.

Na verdade, é a partir desse processo que as relações começam a se transformar e ganham um novo sentido, e a escola começa a ser vista com mais carinho por todos, criando um ambiente agradável onde todos se sentem acolhidos e ouvidos.

Nesse movimento, muitos participantes despertam para a importância e para a necessidade de refletirem sempre sobre a escola que desejam. No dia a dia essas reflexões vão sendo deixadas de lado e as relações vão se tornando “automáticas”.

A Fase dos Sonhos é um convite a toda a comunidade escolar no sentido de unirem esforços em busca da construção de uma escola onde todos sejam corresponsáveis pela educação dos meninos e das meninas. Cada ator oferece o que pode, lembrando sempre que a escola que sonhamos para os nossos filhos deve ser a mesma que oferecemos às nossas crianças. .

VIVÊNCIA DOS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA NA FASE DOS SONHOS

Desde outubro de 2014 as escolas públicas Jurutis e Melquiades de Benevides (Pará) estão vivenciando as fases de transformação de uma escola numa Comunidade de Aprendizagem. Essa ação faz parte do trabalho de planejamento e de ampliação do projeto no Brasil realizado pelo Instituto Natura.

Apresenta-se neste item a vivência da Fase dos Sonhos nessas escolas e como alguns princípios da concepção Aprendizagem Dialógica ficam mais evidentes nesse momento. Destacarei eles a seguir:

Ao iniciar essa fase, ambas as escolas organizaram uma Comissão Mista dos Sonhos (grupo heterogêneo de agentes da Comunidade Educativa, por exemplo: professores, familiares, funcionários de apoio e técnico, gestores, etc.) que ficou responsável por planejar e executar esse momento na escola.

Na primeira reunião de planejamento os participantes já puderam vivenciar alguns dos princípios da concepção Aprendizagem Dialógica. Através do processo de diálogo igualitário, realizado com base na inteligência cultural, os presentes foram discutindo como se daria essa fase na escola.

Nesse sentido, vale ressaltar que Flecha esclarece que:

todas as pessoas têm uma inteligência cultural, ou seja, têm as mesmas capacidades para participar em um diálogo igualitário, ainda que cada uma possa demonstrá-la em ambientes distintos (FLECHA, 1997:20). Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas interações. Num ambiente em que se propõe o diálogo igualitário, cada qual apresenta seu argumento e ouve o dos demais, chegando-se a acordos e entendimentos nos âmbitos cognitivo, ético, estético e afetivo (FLECHA, ibid.)

Foi ancorado nesses dois princípios que na escola Jurutis a Fase dos Sonhos aconteceu através da contribuição realizada por uma avó de aluno. No momento da discussão de como se daria essa fase na escola, a senhora, de maneira bem tímida, pediu a fala e comentou com todos sobre um amuleto conhecido como apanhador de sonhos. Esse objeto, típico da cultura indígena, teria o poder de separar os sonhos positivos dos sonhos negativos, além de trazer sabedoria e sorte para quem o possui.

A ideia daquela avó fez tanto sentido para o grupo de pessoas presentes que, por unanimidade, todos acordaram que assim seria realizada a colheita

dos sonhos naquela escola. Os apanhadores de sonhos foram apresentados em sala de aula para as crianças e as mesmas confeccionaram os materiais com a ajuda das professoras.

É nesse processo de interação que os envolvidos vão vivenciando situações transformadoras pessoais tão profundas que muitas vezes atingem para além dos muros da escola, alcançando a comunidade do entorno. Os participantes se percebem não mais apenas coadjuvantes sociais, mas sim atores principais com poderes para transformar a realidade em que vivem.

O movimento de diálogo e de escuta entre todos envolve e estimula atitudes solidárias (solidariedade) que modificam o ambiente educativo, contribuindo para a melhoria da convivência. Essas ações despertam a criação de sentido, transformando o espaço num local onde todos têm a sua importância e se identificam.

Os princípios destacados no parágrafo anterior ficaram evidentes na execução da fase dos sonhos na escola Melquiades. A comissão mista da escola decidiu que a colheita dos sonhos aconteceria na festa junina da escola. Dessa forma, alguns pais se mobilizaram dias antes do evento e confeccionaram juntos a “barraca dos sonhos”.

No dia da festa, através de um rodízio estabelecido pelos próprios pais, eles realizavam o atendimento dos visitantes à barraca, explicavam a proposta da atividade e colhiam os sonhos de todos os presentes.

Nessas relações as aprendizagens são muitas e infinitas e toda a transformação se inicia nessa fase. As interações ganham novos sentidos e o ambiente ganha um clima especial, pois dialogando uns com os outros podemos chegar a respostas mais acertadas para encaminhar a educação de nossas crianças.

Conclusão

O país vem passando por uma crise na educação, tanto na formação acadêmica quanto na social. Ninguém contesta que o rendimento escolar e as relações de convivência precisam ser muito melhores.

Nessa conjuntura surge o projeto Comunidade de Aprendizagem, apoiado por estudos e pesquisas científicas² que garantem, independentemente do contexto, a melhoria dos resultados e da convivência nos centros educativos.

Nessa proposta, os princípios da concepção Aprendizagem Dialógica embasam e são o suporte principal para todo o processo de mudança que propõe o projeto. Assim, as unidades de ensino que decidem vivenciar as fases de transformação de uma escola numa Comunidade de Aprendizagem já demonstram ter interesse em realizar um trabalho diferente e que realmente contribua para a formação acadêmica e social dos alunos e das alunas.

Dentre as fases de transformação do projeto, a Fase dos Sonhos é o momento mais importante: é o pontapé inicial em direção à construção da escola que se busca. Nesse sentido, vivenciar essa fase observando os princípios da Aprendizagem Dialógica é imprescindível, pois dessa forma se incorpora a concepção que embasa e dá suporte a todas as atuações que são propostas e que levam à transformação que tanto se almeja.

Nesse processo de construção coletiva, o trabalho colaborativo e a reflexão permanente entre os pares são essenciais no dia a dia da escola. É a partir dessa reflexão que os comportamentos vão se modificando, alterando o ambiente e favorecendo a construção de relações dialógicas que levam à aprendizagem.

2. A Universidade de Barcelona, através do Centro de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) coordenou um projeto de pesquisa sobre educação escolar envolvendo 14 países da Europa e mais de 100 pesquisadores. Esse projeto intitulado Inclusion and Social Cohesion in Europe from Education — foi realizado durante 5 anos e identificou Atuações Educativas de Êxito que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Aprendizagem Dialógica. Caderno adaptado do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Fases de Transformação. Caderno adaptado do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.

AUBERT, Adriana, et al. Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia Editorial, 2010.



Comunidade de
Aprendizagem

Formação de formadores

Lucas Botelho

Resumo

Os sonhos das escolas são o centro propulsor das transformações nestas. O projeto Comunidade de Aprendizagem propõe esse recurso, gerido por Comissões Mistas. Uma etapa fundamental será refletir sobre como esses sonhos são encaminhados: a efetividade da Tabulação e da Seleção de Prioridades dos sonhos conduzirá à qualidade e ao envolvimento do trabalho posterior. Apontamos aqui então reflexões sobre os muitos desafios que esses passos apresentam e as possibilidades de superá-los.

OBJETIVO

Este artigo busca refletir sobre a etapa de Seleção de Prioridades dentro do projeto Comunidade de Aprendizagem, esmiuçando os maiores impasses que esse momento traz, buscando reflexões a partir disso e propondo um protótipo de passo a passo para a boa condução do trabalho de quem nele está envolvido.

Desenvolvimento do trabalho

SONHOS DE CAJAMAR: COMO CUIDAR?

ETAPAS DA SELEÇÃO DE PRIORIDADES

Os sonhos são o centro propulsor das transformações, são como o seu coração pulsante e comunicante. O sonho é um momento de conexão com o que há de mais íntimo e belo em cada um de nós. Momento de se projetar para além de si, para o presente mais lúcido, para as reais potencialidades nossas, algo que transcende a esfera racional, que envolve também desejos e intuições. Movimento que produz uma fagulha que nos tira do comodismo e do esquecimento a que o cotidiano nos aprisiona. Que tristeza uma vida sem sonhos!

I. O Projeto Comunidade de Aprendizagem é um processo de transformação da escola e seu entorno a partir dos princípios de Aprendizagem Dialógica e pela implementação de sete Atuações Educativas de Êxito que favorecem a participação da comunidade, com o objetivo de superar as desigualdades sociais e aprimorar o aprendizado e a convivência entre os estudantes. Esse processo envolve todos aqueles que, de forma direta ou indireta, influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento de todos os estudantes, entre eles professores, familiares, amigos, pessoas do bairro, membros de associações e organizações de moradores, etc. (Instituto Natura, Caderno de Comunidade de Aprendizagem).

2. Pedagogia da Autonomia, p. 53-9.

3. Op. Cit., pg. 129.

O projeto Comunidade de Aprendizagem¹ propõe a comunhão desses sonhos no interior das escolas. É o diálogo direto entre almas que se lançam para fora de si em busca do outro, em busca de superar coletivamente suas dificuldades. Olhar para si e para o outro é o primeiro passo para a compreensão da situação vivida. O passo seguinte é justamente poder confiar e contar com os outros para realizar as tão sonhadas mudanças. Esse é o grande desafio que encontramos em escolas Brasil afora: fragmentadas, amedrontadas, desorientadas e individualizadas, não conseguem dialogar e assim não encontram forças.

Paulo Freire nos relembra² que somos seres históricos, indeterminados e que portanto cabe a nós encabeçar as mudanças que nos interessam. Esse é, no fundo, o real significado do sonho — aquilo que nos faz humanos e que nos conduz às transformações almejadas.

“Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção”³

DE ONDE VEM, PARA ONDE VAI

A ideia deste artigo é relatar algumas experiências vividas em um ano de implementação do Comunidade de Aprendizagem em Cajamar (SP), município situado na região metropolitana da capital paulista. Lá iniciamos os trabalhos com três escolas municipais — as EMEBs República do Panamá, Eva Rosa e Antonio Pinto — nos últimos meses do ano de 2014, e já conseguimos ver resultados interessantes florescendo e que puderam gerar os pensamentos que compartilho a seguir.

Todas as escolas que aderem ao projeto Comunidade de Aprendizagem passam pelas Fases de Transformação⁴, que consistem na Sensibilização, na Tomada de Decisão, no Sonho, na Seleção de Prioridades e no Planejamento. Como podemos perceber, somente abordaremos neste trabalho a Seleção de Prioridades (sem conseguir deixar de esbarrar nas contíguas Fases dos Sonhos e de Planejamento).

Depois da escola consultar a comunidade a respeito dos sonhos que esta tem em relação ao aprendizado dos estudantes, todos são convidados a ler estes sonhos e começar uma organização à qual chamamos de “priorização”. Por fim, a comunidade elaborará o plano de ação para ir atrás desses sonhos, arregaçando as mangas e realizando-os.

Mas antes de tratarmos do assunto central deste artigo, não podemos deixar de falar das Comissões Mistas⁵, e logo saberemos o porquê disso.

4. Instituto Natura, caderno das Fases de transformação.

5. A Comissão Mista é a forma deliberativa proposta pelo Comunidade de Aprendizagem. Trata-se de um grupo que contém pelo menos um representante de todos os segmentos da comunidade escolar (pais, estudantes, gestores, professores, funcionários, moradores vizinhos, etc.) e que se reúne para discutir as melhorias que os sonhos da escola evocaram e demais questões de mesmo interesse.

COMISSÃO MISTA: A CHAVE DA MUDANÇA

A comissão mista é a ágora da comunidade de aprendizagem, o local de discussão por excelência, reunião heterogênea que abarca os diversos segmentos da comunidade escolar para debater sobre como trabalhar juntos para ajudar a escola.

As escolas que não contam com a parceria da comunidade escolar não sabem da riqueza das contribuições que estão deixando de ter, tanto no

aspecto de maior assistência quanto a toda uma cortina que se desvela: a escola historicamente esqueceu de escutar o lado dos estudantes e da comunidade e não imagina quantas soluções interessantes e práticas uma criança, por exemplo, do Fundamental I pode dar — ideias que influenciam diretamente na melhoria do aprendizado.

Mas não basta simplesmente colocar pais e estudantes para opinar para que os problemas da escola sejam resolvidos. Existem alguns conhecimentos fundamentais a respeito das comissões mistas que precisam ser abordados, do contrário velhos vícios continuarão repercutindo e minando todo o trabalho.

Sabemos que pais se retraem frente aos gestores e professores, ou então buscam uma postura contrária quando reclamam e agem com aspereza. O mesmo se dá com os estudantes. A comissão mista começará a mexer em relações e dinâmicas há muito estagnadas e será preciso a criação de uma nova cultura na escola, a cultura do diálogo.

O outro lado da moeda são os gestores e os professores. Como representam a ordem institucional, as autoridades escolares têm que tomar muito cuidado com palavras e posturas: elas servirão de exemplo e pautarão o tom e o teor das conversas. Para que haja um espaço de diálogo é preciso haver abertura para isso. Para que a comissão mista seja produtiva será preciso uma especial atenção para afinar a conversa entre os participantes de modo que todos se sintam valorizados e respeitados, caso contrário a reunião pode ser um fracasso.

Os estudantes e os pais, por exemplo, não estão habituados a certo tipo de conversa, então podem acabar ficando de escanteio e se desencantando caso eles não sejam devidamente convidados a participar para falar, emitir sua opinião, contar sua vivência. Por vezes um simples olhar ou gesto afetuoso já basta, mas é preciso que a escola esteja profundamente convicta de que quer contar com a ajuda de pais e estudantes pois só assim conseguirá se abrir inteiramente para o diálogo, ouvindo opiniões e experiências diversas e fortalecendo-se com esse material precioso que em muitas escolas está sendo jogado no lixo.

Agora que já esclarecemos a forma de organização dos grupos de trabalho, passemos então ao conteúdo sobre o qual essas Comissões Mistas irão se debruçar.

PREPARAÇÃO: A TABULAÇÃO DOS SONHOS

Antes de adentrar a seleção de prioridades propriamente dita há um importante preparativo: a tabulação desses sonhos. Por conta da enorme quantidade de sonhos e do pouco tempo de que a escola normalmente dispõe, sempre vale a pena separar com antecedência os sonhos e agrupá-los para facilitar as etapas subsequentes.

CATEGORIAS. É mais funcional já agrupar esses sonhos por categorias e subgrupos. As categorias ficam ao gosto das escolas, porém percebemos que algumas delas comumente costumam aparecer: cultural, pedagógica, infraestrutura, relacionamentos, etc. Temos trabalhado com um número de três ou quatro categorias para não complexificar nem superficializar demais o trabalho. Lembremos: o número de categorias será, nas etapas seguintes, o número de frentes de trabalho abertas em forma de Comissão Mista.

SUBCATEGORIAS. As categorias citadas acima são agrupamentos gerais de sonhos. Em alguns casos, recomenda-se recorrer a subcategorias ou agrupamentos menores para também facilitar a visualização e o debate a respeito dos sonhos. Por exemplo: se temos sonhos pedindo melhores carteiras, outros pedindo melhores cadeiras e ainda outros pedindo conserto dos ventiladores, podemos colocá-los todos dentro de uma subcategoria “equipamento físico escolar”, ou qualquer outro nome mais adequado, para marcar um agrupamento de sonhos parecidos que provavelmente terão o mesmo peso na discussão e o mesmo tipo de encaminhamento e resolução.

DETALHE. Ao separarmos os sonhos em categorias e subcategorias, podemos acabar perdendo alguns detalhes que aportam muita qualidade às discussões futuras. Uma das ideias sugeridas foi anotar quantas vezes um determinado sonho aparece, pois isso é sem dúvida

um critério muito relevante e que deverá ser levado em consideração quando da seleção de prioridades dos sonhos. Por vezes esse critério não será decisivo, porém ele é um dado importante a ser preservado.

AFINAL, QUEM TABULA? Para essa elaborada organização descrita acima não é possível depender da equipe da escola que, sobrecarregada pelas tarefas cotidianas, não pode incumbir-se de ainda mais funções. Preferimos sempre utilizar as Comissões Mistas para a realização desse mutirão e para agilizar o trabalho. Como vimos anteriormente, esse é o grupo que encabeça todas as etapas da comunidade de aprendizagem na escola doravante. As pessoas que integram esse grupo podem variar, mas a Comissão Mista deve estar presente.

Aí então chegamos à etapa da seleção de prioridades.

SELEÇÃO DE PRIORIDADES: DESAFIOS

1. Um dos primeiros desafios que surgem nesse momento é: o que significa priorizar? Todos os sonhos são importantes e normalmente todos eles apontam para aspectos urgentes da vida escolar, mas é preciso distinguir as especificidades de cada sonho para poder começar a pensar numa organização de trabalho.

Esse é um momento precioso para que a comunidade discuta quais sonhos são os mais relevantes para aquele determinado momento que estão vivendo. Por essa razão, as escolas costumam traçar caminhos distintos: não há uma fórmula para se melhorar uma escola, pois somente com o debate se chega às dificuldades particulares que dizem respeito àquela comunidade escolar em específico.

2. Alguns destes sonhos são muito complexos e por isso as pessoas se veem com dificuldade de priorizá-los. Normalmente o que é menos complexo costuma ser mais facilmente compreendido como uma prioridade de curto prazo, ao passo que um sonho mais complexo e igualmente importante tende a ser enquadrado como um sonho de longo prazo. Isso acontece pois ocorre uma confusão entre a

compreensão dos termos relevância e complexidade quando do momento da priorização dos sonhos. Tal dúvida pode relegar alguns sonhos ao ostracismo indevidamente.

Para ajudar nesses casos de impasse, a equipe do Instituto Natura⁶ utiliza uma tabela que facilita muito a visualização e a efetivação dessa tarefa. Essa tabela propõe que cruzemos informações referentes aos conceitos levantados acima. Vejam a seguir um exemplo fictício:

TABELA DE PRIORIZAÇÃO DOS SONHOS

	Muita relevância	Média relevância	Pouca relevância
Pouco complexo	Mais passeios culturais/pedagógicos		
Complexidade Média	Todos se tratarem com respeito no ambiente escolar	Mais festas na escola	
Muito complexo	Compra de novas carteiras e cadeiras pela secretaria de educação		Piscina na escola

A partir dessa tabela conseguimos interagir com mais fluidez com os sonhos e não nos bloqueamos ao fato de um sonho ser mais complexo ou não. É importante não esquecer que os sonhos de muita relevância serão os prioritários, tanto os mais simples quanto os mais complexos, que estão separados apenas para facilitar a visualização e a divisão de tarefas. Os sonhos mais relevantes serão, evidentemente, aqueles sobre os quais, a curto prazo, a comunidade irá se debruçar para buscar soluções, ainda que estas sejam complexas.

6. O Instituto Natura, como implementador do projeto, tem uma equipe de formadores que faz o acompanhamento da implementação nas escolas.

3. Um outro ingrediente que aparece frequentemente nas discussões é: existem sonhos muito relevantes mas de difícil ou quase impossível

realização. Devemos gastar energia em algo que é importante mas que não acreditamos poder realizar?

É importante que a escola perceba que um sonho inviável num momento pode tornar-se viável em outro. A contribuição do Comunidade de Aprendizagem vem justamente no sentido de dizer: aquilo que a escola fazia de um determinado jeito sempre encontrava um certo tipo de resistência, porém o que a escola fará como comunidade pode deixar de encontrar esse mesmo tipo de resistência. Ou seja, às vezes a gestora escolar se vê impotente diante de questões e se esquece de que a comunidade escolar pode ser altamente potente para a resolução dos mesmos problemas.

A partir desse raciocínio, tenho encaminhado esse impasse da seguinte maneira: o momento de priorização não diz respeito à possibilidade ou não de se realizar os sonhos. Se um sonho é fundamental para uma escola, temos que futuramente investigar as causas que estão impossibilitando que ele se realize, mas não abandoná-lo.

4. Por fim, é preciso ressaltar que não basta termos sonhos organizados, tabulados e quantificados. O grande desafio dessa etapa parece estar no modo como essas discussões são feitas. Todo cuidado é pouco para que essa tarefa não redunde num momento burocrático e enfadonho. Para isso é preciso muita clareza dos gestores ou de quem ajudar a coordenar esses debates, pois o que é um momento sublime de encontro da comunidade com os seus anseios e com os meios de realizá-los pode acabar tornando-se mero preenchimento de formulário e balancete.

As vidas e os sonhos são potentes e caso a Comissão Mista e a Seleção de Prioridades sejam tratadas como reles formalidades maquinais, os passos seguintes, ainda que grandiosos, podem estar fadados ao fracasso. Caso um pai comece a não ver sentido naquelas atividades e ver-se perdendo tempo, sem dúvida ele abandonará o barco. O mesmo acontecerá com professores e estudantes. Com um mínimo de sensibilidade podemos perceber que os sonhos nunca são cansativos,

mas sim o modo como olhamos para eles, o modo como os tratamos, encaminhamos e cuidamos. O simples fato de se acessar e compartilhar o sonho de outro ser humano é motivo de muita alegria. Essa é a chama que não queremos que se apague: a vivacidade do sonho.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO NATURA, Cadernos do projeto Comunidade de Aprendizagem



Comunidade de
Aprendizagem

A escola em transformação e sua trajetória

Gláucia Lara Borja

Consultora associada da Avante - Educação e Mobilização Social,
responsável pela implementação do Projeto Comunidade de
Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil).

Resumo

PALAVRAS-CHAVE:

fase de transformação, fase do sonhar, Comunidade de Aprendizagem.

O presente artigo analisa as fases de transformação em escolas que estão implantando a Comunidade de Aprendizagem na cidade de Fortaleza, no Ceará, e possui dois objetivos específicos: Contextualizar a fase de transformação no Comunidade de Aprendizagem, os obstáculos e os impactos da fase do sonhar. Esta etapa se destaca pela mobilização gerada tanto na escola como com todos que a integram, quanto na comunidade que vive ao redor; e por ser o alicerce de todas as demais ações que consolidam a Comunidade de Aprendizagem.

OBJETIVO

Um estudo sobre a fase do sonho e o impacto desta na implementação do Comunidade de Aprendizagem nas escolas, e sua importância na construção do vínculo entre famílias, alunos e escolas.

*A educação, na verdade, necessita tanto de formação técnica, científica e profissional como de sonhos e de utopia.
(Freire, 1997 p.34)*

Introdução

A SOCIEDADE ATUAL E O CONTEXTO ESCOLAR

Comunidade de Aprendizagem é um projeto produzido pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA -Universidade de Barcelona) que consiste na transformação social e cultural que tem início na escola e se expande para toda a comunidade a partir da participação de familiares e voluntários nas decisões e atividades da escola. Seu objetivo é superar as desigualdades sociais melhorando os resultados de aprendizagem dos alunos e a convivência. Embasa suas ações nos princípios da aprendizagem dialógica, que são; diálogo igualitário, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferenças e inteligência cultural.

A aprendizagem dialógica é um conceito que diz respeito a uma maneira de conceber a aprendizagem e as interações, fruto de diversos teóricos como Paulo Freire, Lev Vygotski, Jürgen Habermas, Jerome Brunner, Ramón Flecha, entre outros.

Diante da globalização e imersão no modelo de vida capitalista, percebemos que as pessoas se distanciaram do ser em prol do ter; ressaltando o modelo de comportamento individualista que estamos vivendo e desaprendendo a conviver; sendo o ambiente escolar um grande reflexo disso, através da transição da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação ocorrida no final do século XX.

A Sociedade Industrial foi estruturada pelas tecnologias de automação, onde o trabalho era especializado e individualizado, as competências profissionais eram adquiridas a partir do treinamento ao longo da carreira. Nas escolas os professores eram tidos como os donos do saber; o espaço de aprendizagem era separado do espaço de trabalho. Ao passo que na Sociedade da Informação e do Conhecimento, tivemos diversos avanços na área das tecnologias.

A sociedade contemporânea vivencia a globalização, inserida num constante processo de mudança, ou seja, encontra-se em processo de formação e expansão. As informações não ficam mais no poder de poucos, mas possuem uma grande importância e acessibilidade. Atualmente as indústrias e ambientes organizacionais possuem as escolas e as universidades como aliados responsáveis pelo desenvolvimento social e econômico por propiciarem avanços tecnológicos e por serem espaços de criação de conhecimento, desempenhando um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas.

São inúmeros os aspectos positivos, tal como a melhoria da nossa qualidade de vida (como a criação de meios de transporte, comunicações, instrumentos e produtos voltados para a saúde, implementação de máquinas e robôs nas indústrias, etc.), embora tenham aumentado as taxas de desemprego e gerado a extinção de algumas profissões. Essas criações também impactam na destruição do meio ambiente e, conseqüentemente, na perda das riquezas naturais.

A condição para a Sociedade da Informação avançar é a possibilidade de todos terem acesso às tecnologias de informação e comunicação para superarem os aspectos negativos que vieram com o desenvolvimento.

As mudanças ampliaram as desigualdades sociais e segregaram ainda mais as pessoas que estão nas camadas sociais com baixo poder aquisitivo. Essa transformação precisa ocorrer também nas escolas, a fim de possibilitar o acesso à educação para todos, assegurar um sentido para a vida e propiciar uma igualdade nas competências para a inserção no mercado de trabalho.

O contexto atual exige resultados na aprendizagem, o mercado de trabalho busca pessoas especialistas mas com uma formação ampla, empreendedoras e com criatividade para a resolução de problemas.

As escolas precisam focar nas interações e nos diálogos estimulando a responsabilização dos processos de aprendizagem pelos próprios estudantes, despertando a corresponsabilidade, tornando-os protagonistas de suas vidas, voltando a fazer sentido como um espaço de preparação para o futuro para todas as pessoas.

Nessa nova fase da sociedade, onde as mudanças são constantes em todos os aspectos da vida, as condutas e situações cotidianas não são mais moldadas pela tradição, ou seja, não há mais respostas prontas, e se faz necessário encontrar e criar novas estratégias, exigindo que as pessoas tornem-se protagonistas de sua própria história.

O giro dialógico, de acordo com Flecha, Gómez e Puigvert (2001), aponta que desde o final do século XX, na sociedade moderna, o diálogo é de extrema importância em todos os âmbitos relacionais, tendo em vista que todas as pessoas são uma fonte inesgotável de conhecimentos, haja vista a diversidade de suas origens, experiências de vida e saberes.

Ao refletirmos sobre os comportamentos atuais, até as crianças mais novinhas não aceitam ordens sem compreender antes o verdadeiro sentido daquele comando, o que os professores trazem como indisciplina, falta de limites, desestrutura familiar:

Ao ampliarmos nossa visão, é cada vez maior a necessidade de diálogo para negociar e renegociar as tarefas que cada um deve desenvolver; tanto no âmbito privado, profissional e social.

A ação comunicativa torna possível às pessoas que estão em determinada situação, e que se dispõem a dialogar, buscar o entendimento sobre alguma problemática no mundo e orientar a ação, de cada sujeito, a partir do acordo para sua superação. A ação comunicativa é, assim, ao mesmo tempo, linguagem e ação — aproximando-se do conceito de palavra verdadeira de Freire. (MELLO, Roseli Rodrigues de. 2012. p. 47)

A proposta de Comunidades de Aprendizagem tem como essência a transformação social e cultural da escola e do entorno com o propósito de construir uma escola mais democrática, igualitária e dialógica. A etapa de transformação é dividida em dois momentos — o processo de ingresso e o de consolidação — sendo composta por fases: sensibilização, tomada de decisão, sonhos, seleção de prioridades, planejamento.

Desenvolvimento do trabalho

A escolha de contextualizar a transformação nas escolas através dos obstáculos e impactos da fase do sonho, nas escolas da cidade de Fortaleza, surgiu por meio da experiência vivenciada na implantação do Comunidade de Aprendizagem por se compreender que esta etapa trata-se do alicerce de todas as demais ações que consolidam o projeto.

A fase do sonho destaca-se pelas mobilizações nas escolas com todos que a integram (alunos, pais, professores, funcionários) através da consigna “Que Escola Queremos”. Embora tenha sido uma escolha da escola aderir à proposta de implementação, foram visíveis as contradições, pois toda transformação gera certo receio e resistência à mudança por impactar na zona de conforto e na invisibilidade de possibilidades.

A abertura do espaço de escuta, onde todos opinaram sobre o funcionamento da instituição, desestabiliza o lugar de poder que inconscientemente os professores e a equipe gestora ocupam, principalmente pela inserção da família e da comunidade no ambiente escolar e, conseqüentemente, na participação dos processos de aprendizagem.

Nessa etapa do sonho as escolas envolveram-se, a princípio, com seus alunos e professores, visto que grande parte criou resistência na participação dos pais, desconsiderando também os funcionários que dão suporte ao funcionamento da escola (porteiro, merendeira, auxiliar de serviços gerais), através da fantasia de que as pessoas da comunidade, inclusive as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, não sabem sonhar. Outra resistência apresentada foi alegarem que muitos pais não comparecem quando são convocados para as reuniões, nem quando são chamados por alguma questão referente aos seus filhos. Foram ultrapassadas essas objeções por meio da conscientização de que todos são capazes de sonhar e de

que é necessária a criação de estratégias para a reaproximação da família para o momento do sonhar, além da importância da escuta de todos. As equipes gestoras se envolveram com a tarefa, orientando os professores, criando momentos especiais e criativos para a colheita dos sonhos; elaboraram árvores dos sonhos, jardins, nuvens, estrelas penduradas no teto da sala e painéis temáticos cuidadosamente produzidos, embora não tenham conseguido envolver todos os pais, até pelas dificuldades de reuni-los, e aproveitaram as reuniões onde conseguiram uma representação deles.

Durante as visitas de acompanhamento, ao pesquisar como haviam sido os momentos de levantamento dos sonhos, verificamos que nem todos os alunos e funcionários haviam sido escutados, e por diversos motivos, tais como: “esta sala é impossível”, “temos muitos alunos”, “só faltaram os alunos do EJA”, “nem todos os professores quiseram sonhar”, dentre muitas outras justificativas, de modo que foram incentivados a propiciar outros momentos com todos os alunos e funcionários.

Em encontros posteriores, foi perceptível, através dos relatos das equipes gestoras, o encantamento com a abertura do espaço para a escuta sobre que escola desejam, e surpreenderam-se com o pensamento crítico de seus direitos e com a clareza do que querem, além das mudanças que já estavam ocorrendo antes mesmo das comissões serem formadas e iniciarem suas atuações. O que reforçou o ditado: “sonho que se sonha junto, vira realidade”.

Em uma escola, onde a comunidade estava passando por um momento de desapropriação de suas casas, receberam a visita do prefeito, que por sua vez escutou as demandas das próprias crianças e iniciou algumas melhorias na escola. A seguir, o depoimento de uma coordenadora pedagógica que a princípio estava muito resistente: “percebi como os pequenos já são politizados, sabem o que querem e seus direitos, não sonharam por sonhar; pediram vestiários completos com chuveiro, salas climatizadas. Eles se tornam um ser social por poderem se expressar. E a escola cumpre o papel social dela de ensinar e realmente aprimorar o ser social. Surgiu tanta coisa legal”. Com isso, de que as realidades das escolas públicas são assim mesmo e as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade são acríticas e aceitam tudo o que lhe oferecem,

não se percebia que os direitos estavam sendo violados, como na falta expressiva de professores na rede, banheiros sem porta, salas de aula sem ventilação, merenda de baixa qualidade (“suco com biscoito” é uma unanimidade entre as queixas dos alunos), bebedouros sujos, etc.

Além das resistências encontradas nas escolas, verificamos, diante das declarações das equipes gestoras, que os profissionais dos Distritos de Educação e da própria Secretaria Municipal de Educação pressionavam a implantação da Comunidade de Aprendizagem sem conhecer a proposta do projeto, afirmando que “o que importa são os índices de aprendizagem, a situação que a escola está vivenciando ou a família não interessa”; “não estamos vendo nada ser feito”. Diante dessas situações, solicitamos apoio ao setor de Controle Social, que colabora com a implantação, para que promovesse um encontro com esses profissionais para realizarmos uma sensibilização, ampliarmos o conhecimento sobre a Comunidade de Aprendizagem e fortalecermos as ações que estão acontecendo nas escolas. Durante a sensibilização, o grupo solicitou aprofundar os conhecimentos sobre o projeto e as linhas teóricas que deram base à elaboração do mesmo. Atualmente participam de uma ação educativa de êxito, que é a tertúlia dialógica pedagógica do livro *Aprendizagem: outra escola é possível*, de Roseli Rodrigues de Mello, o que vem dando um grande suporte para a realização do trabalho.

A tertúlia dialógica pedagógica consiste em um espaço de formação no qual, após a leitura de livros de fontes originais de autores importantes na área de educação, os participantes compartilham, num espaço de formação, os trechos que mais chamaram sua atenção, relacionando aspectos teóricos com a prática educativa e experiências vivenciadas na escola. Trata-se de uma proposta de estudo relevante para o desenvolvimento dos integrantes, para a construção coletiva do conhecimento que se baseia no diálogo igualitário e proporciona a oportunidade de discutir as práticas educativas recorrendo sempre a evidências e a fontes originais.

Após a vivência do sonhar com os pais, as equipes gestoras perceberam que alguns demonstraram interesse em atuar como voluntários, impactando no pensamento inicial de que não teriam disponibilidade, mas ainda nos deparamos com objeções em convidá-los para compor a

comissão mista, sob alegações de que “a comunidade é muito violenta”, “não compreendem a cultura do voluntariado e sempre esperam algo em troca”, “acham que só podem ajudar ao limpar ou pintar a escola” e “os professores têm receios”. Diante dos argumentos, continuamos esclarecendo os princípios do projeto e enfatizando a importância de convidar os familiares para realizarem a seleção de prioridades e elaborarem o planejamento das ações para a transformação das escolas. Atualmente temos encontrado pouca participação dos pais. Em algumas escolas optaram por mães que são funcionárias da escola, onde levantamos a hipótese de, dessa forma, terem um certo controle sobre as ações e a inserção de novos alunos nas comissões a cada visita de acompanhamento. Embora já estejam na fase de planejamento, estão começando a quebrar as resistências de inserir mais representantes de pais e da comunidade.

Conclusão

Diante dessas experiências, conclui-se que de toda modificação realizada num sistema ou instituição emergem resistências e situações que emanam reações ou criam obstáculos para as ações da transformação seguirem o fluxo do processo, sendo de extrema importância a abertura de espaços de comunicação que facilitem as mudanças e diminuam o nível de ansiedade originada por elas. O diálogo é um fator responsável por quebrar os paradigmas e desvelar as fantasias, as possíveis hierarquias e as resistências que vão além da ação de uma pessoa sobre a outra.

Transformar é um processo de formação contínua e de compartilhamento entre os integrantes de um grupo, e que, conseqüentemente, gera atitudes de mudança nas próprias pessoas, entre elas e no fazer coletivo.

Psiquiatra suíço nacionalizado na Argentina, criador da técnica dos grupos operativos, elaborada a partir da construção da sua teoria da Psicologia Social, Enrique Pichon Rivière caracteriza grupo como um conjunto restrito de pessoas ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua representação interna, que se propõe a uma tarefa que constitui a sua finalidade.

Pichon definiu vínculo como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e a interação entre ambos, o que ocorre através de processos de comunicação e aprendizagem, sendo essa interação a responsável por modificações mútuas e incorporações de novas aprendizagens e sendo o vínculo uma relação dialética entre as pessoas.

Para ele, a superação do mito implica em retrabalhar os vínculos das pessoas em torno de uma tarefa comum, tendo como referência o processo de transformação, o “eu com o outro”, construindo algo em comum e provocando um movimento contínuo modificador

de estruturas pessoais, interpessoais e grupais, daí a importância do encontro periódico com as comissões mistas e os gestores das escolas, a fim de acompanhar e facilitar o processo de implementação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R.; Racionero, S. Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia Editorial/ S.A., 2008

FLECHA, R.; GÓMEZ, J.; PUIGVERT, L. Teoría sociológica contemporánea. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.

MELLO, R. R. Aprendizagem: outra escola é possível/ Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa - São Carlos: EdUFSCar, 2012.

PICHON Rivière, E. Prólogo, em El processo grupal. Ed. N. Visión, 1978.

Material impresso pelo Instituto Natura.

Apostilas Formação de Coordenação de Grupo Operativo, do Núcleo Social de Psicologia da Bahia, 2008.

Site: www.comunidadeaprendizagem.com